


## AUTORIA EM ESPAÇO CONTEMPORÂNEO: CONVERSA COM NANA CORTE SOBRE SEU BANCO DE CARNE

View metadata, citation and similar papers at [core.ac.uk](https://core.ac.uk)

brought to you by  CORE

provided by Archives of the Faculty

Luciene Jung de Campos<sup>1</sup>

A leitura deste livro é feita a partir do corte/  
ação da faca do açougueiro na carne com o  
conseqüente seccionamento das fibras; fissuras,  
etc., etc., ? assim como as diferentes tonalidades  
e colorações. Para terminar é necessário não  
esquecer das temperaturas do contato sensorial  
(dos dedos), dos problemas sociais etc. e etc.....

.....  
.....Boa leitura.....  
#.03.79

Artur Barrio, *Livro de carne*

Entro em contato com a artista plástica Nana Corte para falar sobre a intervenção, na cidade de Caxias do Sul, nos bancos em parada de ônibus, mais especificamente, na Praça da Bandeira. Envio um e-mail que é repondido em menos de uma hora. Digo a ela que quero falar sobre a intervenção nos bancos. Complemento que me interessa a autoria nos espaços contemporâneos, na cidade. Ela prontamente pergunta: “O que tu precisas?” Respondo que quero conversar sobre o seu trabalho e sobre o Banco de carne.

Nana propõe que nos encontremos em qualquer horário em uma segunda-feira de outubro, dia proposto por mim. Diz: “Estou com muito tempo livre, quando ficar melhor para ti.” Marco às 17h30, onde ficar melhor para ela. Nana sugere um bar do Bom Fim. Chego

<sup>1</sup> Luciene Jung de Campos é psicanalista, doutora em Teorias do Texto e do Discurso/UFRGS. Professora do Centro de Ciências Humanas da UCS e do PPGTUR/UCS.

ao endereço combinado, e o bar está fechado toda semana, em função de um problema elétrico. Ligo, e ela sugere uma simpática padaria no mesmo bairro, virando uma quadra à direita. E lá nos encontramos. Ela me diz que se mudou para Porto Alegre e que deixou o passado do seu trabalho em Caxias: “O que está feito, está feito. Vim para fazer coisas novas. Deixei pra lá o que eu já fiz, não trouxe nada, não pensei em retomar... Mas acho legal que continue.”

Nana diz que seu trabalho tem relação direta com os parangolés de Helio Oiticica: “Oiticica é para mim o que Freud é para vocês. Ele é o grande mestre. Não vejo separação entre a arte e a rua. A arte precisa ocupar a rua, abalar o cotidiano. Fazer as pessoas se perguntarem: Ué ? Esta árvore floresceu de novo? Como assim?... A arte precisa sair dos espaços tradicionais como as galerias e museus e ocupar o espaço urbano.”

Foram cinco performances na mesma parada de ônibus: almofada de oncinha, almofada de carne, almofada de bilhetes de loteria, almofada de folhas de ouro, almofada de relógios. A intervenção teve sua realização entre agosto de 2006 e outubro de 2007. Nana forrou um banco com bilhetes da loteria federal e raspadinhas. Os bilhetes concorriam a prêmios e eram válidos para o próximo final de semana. As pessoas passavam, olhavam e ousavam retirar o seu bilhete: “A sorte está na rua e a fortuna ao alcance de todos. Foi uma experiência muito legal. Transformei um não-lugar em lugar. De alguma forma, as pessoas pararam ali com um ponto de interrogação, observaram o seu entorno, interrogaram-se, estabeleceram relação com o espaço urbano de passagem.”

Sobre o banco de relógios: “Foram nove relógios plásticos instalados, funcionando em horários diferentes. É mais uma experiência com mais um objeto naquele mesmo lugar. Claro que isso gera reflexão como foi a anterior, sobre a carne que deveria ir para os pobres. Deu toda aquela polêmica. O resultado desse trabalho é o que as pessoas vão dizer sobre ele.”

Sim, a arte é um luxo. Aquilo que as pessoas podem dizer sobre a arte não é o mesmo que pode ser dito sobre um iate, um carrão, um helicóptero ou uma diária dispendiosa em algum hotel boutique. A conversa retorna para o Banco de carne. Oito quilos de carne de

segunda costurados e grampeados em um banco de ponto de ônibus. É o segundo banco desta série, que vem depois do banco forrado com pele sintética de oncinha.



Fig. 1: Nana Corte, Banco de carne, 2006

Na cena acima (fig. 1), o olhar por um vão. A fresta. O olhar roubado, não autorizado, remete à cena de um crime: Queres ver: então olha! Diria Marcel Duchamp. É neste instante em que o passageiro torna-se um voyer: ele olha por um buraco para ver o avesso de um corpo, tornando-se obra. O choque visual funciona num trauma de imagem. Implica uma certa composição da cena: a mulher que organiza carnes num banco, pode se aproximar da lógica do instante prenhe.

“O Banco de carne?” Pergunta Nana, para em seguida afirmar: “O Banco de carne sempre provoca uma tontura... Um deslocamento. Não era uma exposição, era uma almofada de carne. Não tem nada de novo aí. Artur Barrio colocou carne empacotada na rua e no museu há mais de quarenta anos, mas isso ainda causa impacto.”



Fig.2: Nana Corte, Banco de carne, 2006

As antecessoras T.E., como Barrio nomeia-as, são Trouxas Ensangüentadas, produzidas em 1969, contendo carne e ossos eram deixadas em pontos estratégicos de grandes cidades como Belo Horizonte e Rio de Janeiro. As T.E. provocaram reações adversas do público, que se manifestou jogando lixo sobre elas, às vezes dinheiro, escrevendo palavrões. As Trouxas Ensangüentadas muitas vezes causaram comoção nos passantes e passaram pela intervenção da polícia que tentava “identificar” aqueles corpos destroçados. Barrio com determinação e ironia desafiava o regime autoritário da época, denunciava a prática da tortura. Lutava pela liberdade de expressão na ditadura e contra a mercantilização da arte no capitalismo.

A obra é esse recorte extremo do tempo, uma suspensão da sequência que, compõe o olhar de forma mais ou menos descontínua. Nana diz: “A palavra é site específico. Arte do instante. Momento. Tempo. Lugar. O Banco de carne cumpre uma função”. Virar as costas (fig.2) é uma forma de ver: cego às avessas, vejo o que desejo, diria Caetano Veloso.

A arte é aquilo que o olho humano não quer ver, relembra Duchamp.

“O Banco de carne teve conseqüências e continua tendo. Eu tenho um preço a pagar por isso”, afirma Nana. Problematisa os conceitos da anti-arte e da arte experimental, fora dos padrões convencionais, extrapolando os suportes clássicos do quadro e da escultura, e forçando o espaço para além de museus e de galerias. A anti-arte rompe a relação passiva do espectador com a obra, convocando a sua participação direta no trabalho proposto. Incorpora novas matérias do uso cotidiano, investe na percibibilidade da obra e na precariedade dos suportes. Essa perspectiva tira a arte do domínio absoluto da imagem e transfere para o “corpo” e para outros elementos a experiência estética. A subversão dos valores tradicionais das artes, traz como conseqüência, para esses artistas o epíteto de artistas marginais.



Fig.3: Nana Corte, Banco de carne, 2006

O trabalho provocativo faz a torção do olhar, vira a cabeça, convulsiona. O sentido da obra – enquanto uma linguagem – não

existe em si mesmo, só pode ser constituído em relação às condições de produção da imagem, uma vez que muda de acordo com a formação ideológica e lugar discursivo de quem a (re)produz e de quem a (re)interpreta. Portanto, o sentido nunca é acabado, está sempre em curso e se produz numa determinação histórico-social e política.

“A partir de Duchamp, em 1917 que toma um urinol, apropria-se e diz: esse objeto é meu trabalho. A partir disso muda tudo: Arte”. Nana toma um gole de café, ao mesmo tempo em que me dirige um olhar agudo de espanto, diante do que acaba de me dizer. Levanta a xícara de cafezinho e diz: “Posso definir que esta xícara aqui é meu trabalho, é arte. Os objetos de uso assinados são transformados em arte no momento em que ele assina”.

Insisto nas referências para o seu trabalho. Nana responde: “Sim, Joseph Beuys que começa pensar em arte contemporânea e pensa em sair da forma. Lygia Clark – revolucionária – troca cartas fantásticas com Hélio Oiticica. Tu já leste? Ela sai da tela, vai para os objetos e chega no corpo. Allan Kaprow, que trabalha com ocorrências, situações. Um banco de carne numa parada de ônibus é uma ocorrência, uma situação que a arte proporciona, provoca, impõe. Um banco de carne cumpre uma função no tempo, na história. É a arte em situação: momento, tempo, lugar. Tem Daniel Templon que assina Deus, assina documentos como se fossem dele. Na idéia de vou pegar o que eu quiser e vou me apropriar do que me interessar. A partir de hoje a Felicidade é minha, eu assino a Felicidade”.

Nana Corte é artista plástica, nascida em Caxias do Sul, trabalhou durante 10 anos sob orientação de Jailton Moreira, no Torreão em Porto Alegre. Fala sobre o trabalho do artista, diz: “O artista faz porque não pode deixar de fazer. É pior se não fizer. Perto de onde eu moro tem muita gente que dorme na rua. Vejo as pessoas passarem quase por cima, como se não vissem, como se não se importassem, como se aquilo não fosse nada. Eu penso em fazer alguma coisa antes que eu me acostume. Eu não queria ofender ninguém. Eu queria colocar uma grande moldura em volta desses que estão ali, atirados. Não sei como vão entender, não quero ofendê-los”.

Comento com Nana sobre o Seminário que estamos organizando no PPGET/ UFRGS, que tem como tema Autoria e Espaços Contemporâneos. Questiono se ela não poderia pensar em um banco para nós, no solarium. Ela reage: “Não. Os bancos tinham toda uma

proposta, um tempo e um lugar e foram pensados para um lugar e uma situação, num momento, com dia pra acabar. Agora é outra coisa. Servia para as pessoas que pegavam ônibus ali, nos mesmos horários”.

Mesmo assim, se dispôs a visitar o solarium e pensar uma intervenção para este espaço em situação. Tinha uma semana para propor e construir: “Minha vida é sempre em cima da hora”. Foi ao local. Caminhou e observou em silêncio. Avistou uma mesa para exposição: “Esta mesa aqui, chaveada a cadeado, sem nada dentro, guardando o vazio. Interessante, né? Ela é o sonho de todo o artista”. Identificou três placas de bronze: uma de fundação do espaço, outra de homenagem a um professor, outra para celebrar laços entre países e culturas. “Autoria é propriedade”, afirma. “Vamos partir daqui. Vamos colocar outras placas, descendo pelo suporte até transbordar pelo chão, avançando. O ideal seria usar o mesmo material e deixar as placas em branco. Não temos tempo, nem recurso. Eu sempre carrego um giz na bolsa. Pode-se fazer muita coisa com giz”.

Nana afirma que antes de ser artista, é historiadora. Fala sobre a importância da História no seu trabalho: “É impossível trabalhar em Arte sem conhecer a História. A arte contemporânea deve tudo à história da arte.” Foi professora de História durante muitos anos. Numa manhã chegou para dar aula, conta ela, “a escola estava pichada de cima a baixo e por todos os lados com a sigla BCN, BCN. BCN por tudo! Ficamos sabendo depois o que queria dizer BCN: Bonde cem noção. A escola é um bonde cem noção, com c. Achei incrível aquela crítica. Isto não é arte? Pergunto. Isto faz sentido, não faz?”

*Recebido em: 23/11/2012. Aprovado em 26/11/2012.*